

A representatividade das minorias sociais nas histórias em quadrinhos dos *X-Men* e sua importância para a sociedade

Yuri Garcia¹
Thiago Freitas Bastos²

Resumo: As histórias em quadrinhos por anos foram destinadas ao público masculino. Nas primeiras podíamos observar um padrão étnico social em seus protagonistas. Os heróis eram homens, heterossexuais, brancos, de classe média e com um emprego razoável. O objetivo desta pesquisa exploratória é demonstrar como as HQ's dos *X-Men* se propõem a estabelecer novos olhares sobre as pautas de representatividade e diversidade, mostrando em suas páginas histórias de preconceito sofrido por classes minoritárias. Os quadrinhos de *X-Men* apresentaram a segunda equipe de heróis formada por indivíduos de diferentes nacionalidades, a fim de demonstrar culturas diferentes das já conhecidas. A Marvel Comics cria, em 1992, o seu primeiro personagem assumidamente *gay*. Essas histórias são percebidas pela nossa sociedade como uma forma de emancipação de diferentes costumes, credos, sexualidades e modos de vida.

Palavras-chave: História em quadrinhos; *X-Men*; Minorias sociais; Super-heróis.

The representation of social minorities in the *X-Men* comics and their importance to society

Abstract: Comic Books, for years, have aimed male audiences. In the first stories we could observe an ethnic social pattern in its protagonists. The heroes were male, straight, white, middle-class and reasonably employed. The objective of this exploratory research is to demonstrate how the *X-Men's* comics propose to establish new perspectives on the representation and diversity agendas, showing in its pages stories of prejudice suffered by minority classes. The *X-Men* comics presented the second team of heroes formed by individuals of different nationalities, in order to demonstrate cultures different from those already known. In 1992, Marvel Comics creates its first openly gay character. These stories are perceived by our society as a form of emancipation from different customs, creeds, sexualities and ways of life.

Keywords: Comics; *X-Men*; Social minorities; Super-heroes.

¹ Doutor e mestre em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É docente da Universidade Estácio de Sá (UNESA).

² Graduando em Publicidade e Propaganda da Universidade Estácio de Sá (UNESA).

Introdução

Esta pesquisa, de caráter exploratório, tem como objetivo evidenciar alguns dos temas abordados pelos quadrinhos dos *X-Men*, em questões referentes a minorias sociais, aceitação e preconceito. Além disso, o artigo procura demonstrar como as histórias em quadrinhos dos *X-Men* se propõem a estabelecer novos olhares sobre uma maior pluralidade sociocultural – abordando temáticas que versam e metaforizam pautas sobre representatividade e diversidade.

O universo das histórias em quadrinhos, originalmente, era um local predominantemente habitado por heróis masculinos. As HQ's se caracterizavam como um objeto de desejo para crianças e adolescentes, fazendo parte de um imaginário cultural voltado ao público mais jovem. Atualmente, essas revistas alcançam leitores mais adultos e maduros, demonstrando uma amplitude de seu alcance e respeitabilidade e uma maior qualidade de seus conteúdos.

Cabe aqui ressaltar que, por muitos anos, gerações foram ensinadas e educadas a desempenharem papéis sociais bem delimitados entre meninos e meninas, com orientações rígidas às crianças sobre o que cada gênero teria ou não permissão de fazer. Meninos foram, por muitos anos, observados como guerreiros, valentes e fortes, enquanto meninas eram vistas, pelo menos em grande parte das sociedades ocidentais, como fazedoras de serviços domésticos, indefesas e frágeis. Como diz Chimamanda Ngozi Adichie (2014, p. 7), em seu livro *Sejamos Todos Feministas*: “Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis”. Sendo assim, o enredo das HQs de super-heróis sempre foi mais atraente para os meninos, sob esta visão social de guerreiros, do que para meninas. A estrutura patriarcal que rege nossa sociedade identificava padrões comportamentais definidos para os gêneros que, apesar de estarem em constante reestruturação e o debate sobre as camadas machistas dessas definições estar cada vez mais forte, ainda possui uma grande apropriação na cultura popular.

Nesse sentido, o percurso histórico do público das histórias em quadrinhos apenas reflete sintomas de nossa sociedade e seus diversos problemas e categorizações deterministas. Essa perspectiva simplista e dicotômica sobre a concepção do papel associado ao gênero acaba sendo modificada com uma compreensão mais plural do indivíduo e de suas potencialidades. Assim, a manifestação de uma ampliação nesse debate também chega aos produtos culturais midiáticos e, como esse artigo procura evidenciar, nas HQs.

O cenário contemporâneo, cada vez mais, parece procurar compreender a pluralidade das manifestações do humano e colocar pautas minoritárias em debate. O imaginário popular reverbera um panorama em que a desconstrução de padrões hegemônicos e paradigmas machistas, racistas, heteronormativos e colonialistas se torna cada vez mais presente. Dessa forma, as HQs se mostram

como um espaço interessante de análise desse fenômeno, evidenciando metáforas que dialogam com nossa realidade em um viés sociopolítico-cultural.

O padrão heteronormativo no mundo dos super heróis

Inicialmente, as HQs eram povoadas por heróis que obedeciam a um padrão hegemônico: eram homens brancos, heterossexuais, cisgênero, de classe média, com um bom nível intelectual e com vínculo empregatício, no mínimo, bem estabelecidos. Esse padrão foi observado e disseminado por muitos criadores e escritores de revistas de super-heróis, que foram distribuídas por grandes editoras. Não coincidentemente, esse biotipo do super-herói constituía o que era observado pela elite americana e europeia no fim do século XIX e início do século XX, em histórias de heróis como Super-homem, Batman e Fantasma.

Em 1949, Joseph Campbell publicou *O Herói de Mil Faces* (1997), em que estabelece uma narrativa base que pode ser observada em vários contos de heróis pelo mundo – muitos deles religiosos – e propõe uma trajetória na qual o protagonista mítico encontra o seu caminho de sucesso. No decorrer desse trajeto, podemos observar a etapa intitulada “O Encontro com a Deusa”, em que o paladino se depara com uma forte figura feminina em seu caminho. Levando em consideração o ano de publicação do livro original, nesse momento da história americana ainda podemos observar uma padronização da figura masculina como sendo objeto central do estudo, representada pelo herói, e sua contraparte feminina como uma coadjuvante, na figura da deusa, por exemplo – ou ainda como uma etapa a ser vencida a exemplo da parte “A Mulher como Tentação”. Encontramos uma referência paralela às resenhas judaico-cristãs com o homem sendo o protagonista do enredo e a mulher sendo a ajudadora, uma figura marginal à história narrada.

Nessa fase da narrativa do “Encontro com a Deusa”, o herói se depara com uma forte figura feminina, distante de sua personalidade, que o faz ter uma reflexão do seu *eu interior*, esclarecendo o seu objetivo na fábula. Esse conceito abrange um teor psicológico, numa tentativa de aproximação da sua contraparte para o desenvolvimento da sua jornada, porém observamos nesse momento uma figura feminina almejada platonicamente, beirando os limiares do romântico, sendo um objeto desejável, porém inalcançável. Dessa forma, podemos identificar um olhar sob uma perspectiva heteronormativa em que a mulher exerce papel fundamental na vida do homem, a ponto de transformá-lo e dar-lhe uma razão de ser. A mulher torna, a partir desse momento, a vida do herói um acontecimento, gerando um marco para o âmbito social ao qual ele está inserido.

Ainda nos dias de hoje podemos notar a grande influência de Campbell nas histórias em quadrinhos de super-heróis. Não dificilmente nos deparamos com aspectos que fazem relação direta à *Jornada do herói* proposta pelo autor. Nessas narrativas podemos identificar uma estrutura

já muito conhecida pelos leitores de HQs: o herói recebe o chamado para a aventura, fica relutante, encara o desafio, passa por provações, vivencia crises e consegue surpreendentes resultados.

A voz das minorias

A partir da década de 1950, os Estudos Culturais na Inglaterra apresentam uma perspectiva teórica que privilegia a ampliação da compreensão da noção de cultura – abrindo possibilidades variadas de estudos sobre a cultura popular e de grupos marginalizados. As formas de expressão culturais não-tradicionais ganham maior visibilidade no campo acadêmico e novos objetos de pesquisa passam a ocupar maior espaço como *corpus* investigativo (ESCOSTEGUY, 2010). Assim, entendem que toda prática que dá identidade a um grupo é uma expressão cultural, deixando de ser apenas algo que é feito para ser admirado em locais específicos como museus e galerias de arte. O receptor da mensagem midiática passa a ser visto como agente de transformação da própria produção, pois ele poderia, agora, aceitá-la parcialmente ou até mesmo rejeitá-la. É posto em evidência a cultura das minorias, atribuindo relevância científica e, portanto, dando credibilidade a essa cultura do povo, como música *pop*, quadrinhos e desenhos animados.

Esse campo teórico, junto com um amplo processo de desconstrução de concepções clássicas e estruturas sólidas do pós-estruturalismo na década de 1960, sobretudo com autores como Foucault (1984, 1988) e Deleuze (1997), permitiu a ampliação de um debate que se encontra em uma perspectiva contra-hegemônica. Obviamente, não podemos indicar essas correntes epistêmicas como responsáveis por uma busca de maior visibilidade das questões minoritárias. Contudo, percebemos um momento em que o *zeitgeist* acadêmico inicia um processo de maior atenção a essas pautas, através de uma popularização de propostas surgindo pela Europa e tendo um importante reflexo em demais países do mundo.

As histórias em quadrinhos, no entanto, pareciam já versar sobre algumas dessas questões – mesmo que timidamente – anteriormente às décadas de 1950 e 1960, citadas. Fugindo um pouco do padrão homem branco, a Mulher-Maravilha, da *DC Comics*, fez a sua estreia nos quadrinhos em 1941, nos Estados Unidos (Figura 1). A partir de então, o universo dos heróis pôde contar com sua grande heroína. Nesse momento ainda observamos o padrão branco eurocêntrico sendo estabelecido através da figura da amazona, uma mulher guerreira (ressaltando os traços interessantes que os meninos buscavam em uma HQ), bonita (chamando atenção ainda mais para o visual do seu corpo e sua sexualização) e contextualizada com a mitologia grega (mais uma vez mostrando a sociedade europeia como inspiração). Essas três características, não por acaso, reafirmam os traços pré-estabelecidos quando nos deparamos com atributos de civilizações

européias, sendo citadas, muitas vezes, por sua história de guerras e conquistas, beleza natural e religião.

Apesar de algumas problemáticas em sua concepção, temos a quebra de um paradigma hegemônico que possibilitaria interessantes reapropriações dessa figura, destacando-se, sobretudo, como um ícone da luta feminista (LEPORE, 2017). Criada por um homem, William Moulton Marston, que possuía contato com pautas feministas e a crença em uma maior liberdade sexual, a personagem transita entre uma ideologia que busca o avanço em alguns debates feministas, com a óbvia sexualização da mulher, vista, sobretudo, em seu figurino (AUTOR; LIMA, 2021).

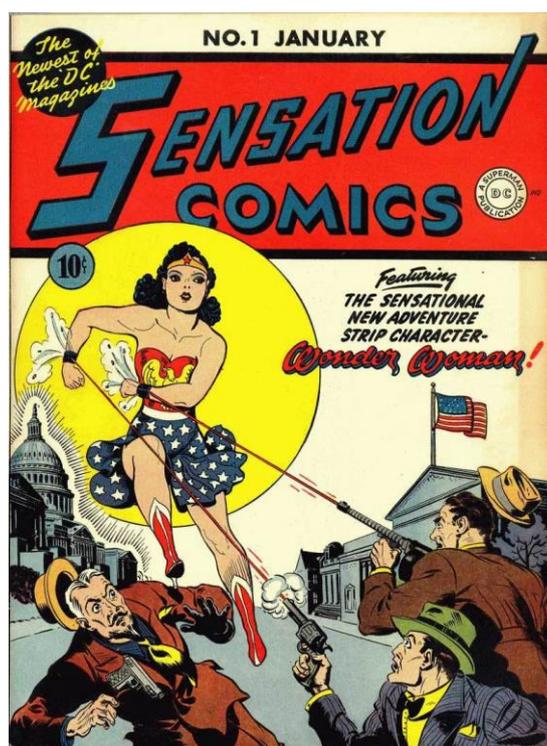


Figura 1 – Primeira aparição da Mulher-Maravilha (1941). Fonte: Revista Superinteressante/Editora Abril.

Alguns outros heróis esquivaram-se um pouco do que se via até o momento, relacionado à figura do homem branco de classe média como, por exemplo, o Pantera Negra (Figura 2). Com sua primeira aparição em 1966, em *Fantastic Four #52*, foi o primeiro grande herói negro, cerca de setenta e um anos após o início das primeiras publicações das HQs modernas.

A pauta racial herda ideias colonialistas que foram disseminadas, principalmente, a partir do século XVI. Esse período foi bastante significativo no mercantilismo de nações europeias. O conceito de raça humana sempre está relacionado a questões de poder e decisão, portanto não podemos desvincular os aspectos sociais e políticos. Achille Mbembe (2016) indica uma necropolítica herdada de práticas escravocratas e colonialistas, estabelecendo um regime em que o poder sobre a morte se torna uma realidade cada vez mais presente, quando se trata de corpos que

não se encontram em um padrão eurocêntrico e/ou pertencem às nações historicamente dominantes. Assim, o corpo negro ocupa um local de (in)visibilidade de seu direito de existir em termos igualitários – ou, nesse caso, de simplesmente existir.

Por vezes, vemos que pessoas negras estão sujeitas a uma política branca que está presente em todos os aspectos sociais. Então, a raça é um fator limitante da desigualdade econômica e acesso à educação, tornando, muitas vezes, os negros excluídos de importantes resoluções e papéis sociais (ALMEIDA, 2019). A contraposição ao papel do negro da sociedade americana se estabelece justamente na função política do rei T'Challa, alter ego do Pantera Negra, já que ele é demonstrado como uma figura de grande poder político-cívico na sociedade a qual pertence.



Figura 2 – O Pantera Negra surge nas HQs do Quarteto Fantástico (1966). Fonte: Canecas dos nerds (blog).

A década de 1960 representou uma transformação na cultura mundial em vários aspectos diferentes, daí a sua importância também no universo das histórias em quadrinhos. Nessa década, ocorreu o surgimento de diversos heróis que partiram para um campo de contraponto ao que era observado nas mídias de massa até o momento, porém isto não os caracteriza de forma alguma como insípidos. Dentre os super-heróis criados nesta década, podemos destacar o próprio Pantera Negra supracitado, Quarteto Fantástico, Homem-Aranha, Hulk, Thor, Homem-de-Ferro e *X-Men*.

Estes heróis surgiram na década de 1960, conhecida como a “Era de Prata” dos quadrinhos (MACHADO; WESCHENFELDER; ARCANJO, 2019). Apesar de terem suas próprias histórias,

dilemas e vitórias, dialogavam muito mais com a diversidade sociocultural característica desta época. Os leitores podiam se identificar e se observar em histórias do dia a dia, com dilemas familiares, problemas escolares, inquietações internas e até mesmo preconceito social.

A década do “Paz e Amor” tratava – ou pelo menos tentava tratar – as pessoas com uma visão mais relacionada à felicidade individual e do coletivo, fazendo com que cada pessoa almejasse o seu próprio êxito, não importando se estavam ou não inseridas nos grupos dominantes, dando espaço para que os grupos sociais mais diversos fossem vistos e ouvidos. A liberdade cultural, sexual e religiosa da década de 1960, mesmo ainda não sendo aprovada por parte da sociedade, era algo nunca antes visto na sociedade contemporânea ocidental. Porém, ainda assim, grupos hegemônicos continuavam a relutar em aceitar “o novo”, muitas vezes com um certo receio de perda de poder social.

Os X-Men surgem para defender uma sociedade que os temem e odeiam

Os quadrinhos dos *X-Men* retratam o preconceito sentido por classes minoritárias, com esses heróis às vezes até não sendo tratados como ídolos, mas como aberrações a serem extirpadas do nosso convívio social e – por que não? – do nosso planeta. O contexto da narrativa dos heróis mutantes se passa em uma sociedade que é composta, em sua maioria, pelo *Homo sapiens* e apresenta uma rejeição ao *Homo superior*, os mutantes, vistos como o próximo elo na evolução humana e, portanto, futuros herdeiros do planeta, mostrando que os dias do homem comum estavam contados.

Nessa atmosfera de competição ambiental, vemos um grupo de indivíduos, liderados por um professor que representa quase uma figura paterna. Eles tentam se adaptar à uma sociedade que os temem e os odeiam. Ao mesmo tempo, procuram entender como seus poderes funcionam e como devem utilizá-los sem que sejam um perigo iminente para quem os rodeiam e para si mesmos. A equipe original de heróis mutantes, criada em 1963 por Stan Lee, era formada por cinco adolescentes brancos americanos de classe média (Scott Summers, o Ciclope; Robert Drake, o Homem-de-Gelo; Warren Worthington III, o Anjo; Henry McCoy, o Fera; e Jean Grey, a Garota Marvel) (Figura 3).

As histórias dos *X-Men* sempre foram caracterizadas pelo pano de fundo social, às vezes nítido, às vezes tímido. A (in)tolerância ao diferente é peça chave durante toda a narrativa. Nas décadas de 1950 e 1960 observamos, nos EUA, o maior levante de grupos racistas, especialmente o grupo conhecido por Ku Klux Klan (KKK). Originado no final do século XIX, o grupo extremista pregava a supremacia branca e lutava contra os direitos civis de povos judeus, católicos e estrangeiros. O KKK teve a sua terceira fase de levante após a década de 1950, em resposta ao

crescimento do movimento negro nos Estados Unidos. Essa fase ficou conhecida como a fase mais violenta de todos os tempos.



Figura 3 – X-Men #1 (1963). Fonte: Guia dos Quadrinhos.

O antissemitismo foi um dos primeiros temas sociais abordados pelas histórias mutantes. O personagem Magneto possui um passado delicado, onde podemos observar, em suas narrativas, várias feridas psicológicas que ainda não foram cicatrizadas. Mas, ao mesmo tempo, resistente, afinal vemos um homem que usou o que mais lhe machucava para constituir uma aura de ânimo e confiança. Erick Lehnsherr, seu alter ego, é um imigrante judeu, sobrevivente dos campos de concentração nazistas na Polônia, durante a Segunda Guerra Mundial. As marcas psicológicas e de segregação que habitam parte de sua memória fazem com que o personagem, tratado muitas vezes como um vilão, assuma uma postura mais dura e até violenta contra os humanos ditos “normais”. Os *Homo sapiens sapiens* são considerados por ele, de uma maneira geral, como grandes agentes de preconceito e violência contra as classes minoritárias. Sendo assim, todo o ódio internalizado por Erick é redirecionado para os seres que ele despreza, trazendo, ao mesmo tempo, uma sensação de proteção do grupo ao qual faz parte, baseado no seu instinto natural de sobrevivência.

Podemos observar outros heróis imigrantes que não sofreram (quase) nenhum tipo de preconceito e/ou discriminação. O Super-Homem, criado em 1938, era um imigrante. Kal-El, seu

alter ego, veio de outro planeta e, chegando ao nosso, teve que assimilar termos relacionados à cultura, fala e família.

O tema dos imigrantes é comumente abordado por Michael Chabon, um renomado escritor de histórias em quadrinhos da atualidade, que também assina roteiros de grandes filmes de Hollywood, como *Spider-Man 2* (Sam Raimi, 2004). No livro *The Amazing Adventures of Kavalier & Clay* (2000), Chabon nos apresenta os dois personagens fictícios que dão título à publicação. Apesar de não existirem no mundo real, esses personagens simbolizam os judeus que vieram para a América durante o período da Segunda Guerra Mundial para fugirem dos campos de concentração. Os imigrantes europeus de origem judaica tiveram bastante relevância no desenvolvimento não só das HQs americanas, mas também em variadas esferas da cultura *pop* em geral – como podemos observar em várias produtoras da indústria cinematográfica. Na página 585, deparamo-nos com um dos personagens dizendo “São todos judeus, os super-heróis. O Super-Homem, você não sabe que ele é judeu? Chegando de seu velho país, mudando de nome. Clark Kent: só um judeu escolheria um nome assim para si mesmo”.

Portanto, o que define se alguém é aceito no âmbito social não é necessariamente sua origem, mas a adequação às normas sociais estabelecidas por uma comunidade. As sociedades são estruturadas mediante funções sistematizadas e reproduzidas, mantendo o bom andamento da convivência dos que estão inseridos nesse ambiente. O “intruso” social tende a ser expulso se não se adequa aos padrões estipulados. A diferença demonstra uma forma de ameaça ao que é consagrado como habitual, e a sociedade pende a cercá-lo, tal qual um organismo repele um agente externo agressor.

Quando falamos de mutantes, a adequação social vai além de sua capacidade de assimilação cultural, mas comumente são inadequados por serem fisicamente diferentes, algo que, pelo menos em teoria, não pode ser mudado (HOUSEL; IRWIN; WISNEWSKI, 2009). O desejo de ser “normal” muitas vezes parte do outro, no âmbito social, como em uma tentativa de transferir ajuda no que diz respeito à aceitação do próximo. No filme *X-Men 2* (Bryan Singer, 2003), vemos a conversa entre o mutante Homem-de-Gelo e seus pais, em que sua mãe pergunta: “Bobby... você já tentou não ser um mutante?”³. Nesse ponto, ela demonstra preocupação com a condição de seu filho, já que a sociedade em que vivem não aceitaria sua diferença com facilidade. Apesar disso, Bobby demonstra que está orgulhoso de ser diferente e até manifesta, com um gesto, um pouco do que ele é capaz de fazer. Apesar de a mãe temer pela vida de seu filho, ele tem orgulho de ser quem ele é.

No universo narrativo dos *X-Men*, alguns mutantes já tentaram algum tipo de extração do *Gene X* para que fossem “curados”, como no filme *X-Men: The Last Stand* (Brett Ratner, 2006). Esse

³ Aos 59 minutos de filme, a mãe de Bobby Drake o indaga: “Bobby... have you tried not been a mutant?”.

gene lhes confere poderes – e, às vezes, deficiências – particulares. Apesar da tentativa, nenhum mutante obteve sucesso com o procedimento, afinal, esse revelou ser uma terapia temporária. O que podemos perceber é que o fato de um indivíduo portar uma característica e não a suportar, seja ela física ou comportamental, não lhe garante o poder de sublimá-la.

Um dos marcos dos quadrinhos dos mutantes foi a apresentação da primeira equipe de heróis multiculturais, em 1975 (Figura 4). Após a derrota em campo de batalha da equipe original, foram inseridos novos personagens, de diferentes países, na formação da nova equipe (Ororo Munroe, a Tempestade, queniana; Kurt Wagner, o Noturno, alemão; Piotr Rasputin, o Colossus, russo; John Proudstar, o Pássaro Trovejante, índio apache americano; Sean Cassidy, o Banshee, irlandês; Shiro Yashida, o Solaris, japonês; e James Howlett, o Wolverine, canadense).



Figura 4 – *Giant-Size X-Men*#1 (1975). Fonte: Marvel.

Vale destacar que 1975 foi o ano de término da Guerra do Vietnã. Os Estados Unidos não se posicionaram no início da guerra, mas, logo em seguida, enviaram suas tropas para batalharem no país inimigo. Os estadunidenses apresentavam um grande senso de patriotismo. No entanto, após dezenas de milhares de mortes de seus soldados em combate e ataques a civis, houve uma grande pressão da imprensa para que o país saísse da guerra. Por fim, os EUA decidiram que era tempo de recuar e voltaram do duelo, trazendo para casa um nacionalismo ferido.

As nacionalidades dos mutantes selecionados para a nova formação dos *X-Men* não foram escolhidas ao acaso, pois representavam nações que, em algum momento, tiveram um diálogo

bélico com os Estados Unidos ou com seus aliados. Podemos observar conflitos históricos entre os EUA e esses países: no Quênia ocorreu o Movimento de Independência conhecido como "MAU MAU". A Inglaterra era a colonizadora do país e contava com o apoio americano. A Alemanha vinha de um histórico sangrento demonstrado durante a Segunda Guerra Mundial. A Rússia, ainda no clima de Guerra Fria do início na década de 1960, não apresentava uma relação amigável com os EUA. Os índios *Apache* norte-americanos amargavam um passado de massacre de seus ancestrais e domínio de suas terras. Durante as décadas de 1960 e 1970, a Irlanda foi palco de diversas manifestações em busca dos direitos civis, culminado com o conhecido *Bloody Sunday*, em 1972. O exército britânico tentou conter o ato público atirando contra os manifestantes, deixando 26 pessoas mortas. O Japão já era um conhecido inimigo dos Estados Unidos desde a Primeira Guerra Mundial. E, por fim, mas não menos importante, o Canadá apresentava uma série de conflitos coloniais deflagrados contra seus vizinhos ao Sul, desde o século XVIII, e esses conflitos duraram cerca de dois séculos.

Portanto, podemos observar que a escolha das nacionalidades dos novos heróis mutantes, tocava em feridas cicatrizadas, ou não, da civilização estadunidense, trazendo novamente à memória seu senso de patriotismo e separatismo observado perante outras nações. A partir do ponto de surgimento dessa nova formação dos *X-Men*, novas realidades de formas de vida social foram apresentadas, fazendo com que o leitor entendesse dilemas sociais sob pontos de vista diferentes e também podendo se identificar na leitura de seus heróis.

Agora o multiculturalismo do grupo estava definitivamente presente e pôde ser explorado das mais diversas formas, desde particularidades afetivas distintas, até o preconceito social declarado. A aversão direcionada ao *Homo superior* já estava mais do que entendida e explicitada. Esse tema liderava um pensamento de competição quase que ecológica, como espécies diferentes disputando por um pedaço de terra almejado. A xenofobia dominava as histórias dos mutantes, inclusive tecendo paralelos com a realidade social estadunidense, ainda tão relutante em aceitar imigrantes de outros países.

Os temas LGBTQIA+ nos quadrinhos dos *X-Men*

Historicamente, contemplamos notórias figuras do universo LGBTQIA+ em meio a narrativas de diversas sociedades, como reis, imperadores e divindades. O preconceito e a repulsa a membros dessa comunidade não é algo que podemos entender como regra perante a memória de diversas crônicas de civilizações. Todavia, notamos episódios cíclicos de estranhamento e ódio.

Em meados dos anos 80 e início da década de 1990, houve uma grande preocupação mundial sobre um perigo silencioso que rondava, principalmente, a comunidade *gay*: a AIDS.

Personalidades das artes, política e esportes foram acometidas por essa doença até então desconhecida. Muitos membros da sociedade acreditavam que era um advento de Deus para punir a humanidade, principalmente os homens *gays* (BRITO; ROSA, 2018). Porém, ninguém sabia, ainda, sobre os meios de transmissão do vírus. A comunidade *gay* dos EUA (nesse período a mais em foco na mídia) foi acusada de trazer maldição para os habitantes da Terra. Comumente, a AIDS, inicialmente, era chamada de “câncer *gay*” por profissionais da mídia⁴. Nesse momento, os homens *gays* começaram a sofrer com maior intensidade diversos tipos de preconceitos em ambientes familiares, sociais ou corporativos. Essa nova doença, provocada pelo vírus HIV, causava uma grande debilitação no sistema imunológico do indivíduo infectado. Ela fazia com que a resposta imunológica do organismo fosse quase nula, inclusive, em relação a doenças simples, como a gripe, caso o paciente não obtivesse tratamento adequado.

Aproveitando o discurso de ódio social aos *gays* americanos, a Editora Marvel, em 1993, em paralelo com esse dilema social que preocupava o mundo, narra a história de um vírus trazido do futuro e que infectava todos os mutantes, traçando uma metáfora com o cenário de contágio do HIV, que assolava vários países. Na história, o chamado “Vírus Legado” também não apresenta nenhuma forma de cura e tratamento e afetava as células saudáveis do corpo mutante impedindo-as de se replicarem, causando a morte do indivíduo a longo prazo. Esse vírus não afetava os humanos comuns, pois na ausência do gene mutante, ele morria. Isso fez com que os mutantes, novamente, fossem alvo de discriminação, medo e violência.

Numa atmosfera de apontamento à comunidade *gay* americana, a Marvel cria, em 1992, o seu primeiro herói assumidamente *gay*, também sendo o primeiro dos quadrinhos em geral: Estrela Polar, um jovem mutante canadense (Figura 5). Apesar de o personagem já ter surgido anos antes e frequentemente fazer suas aparições nas publicações mutantes, foi a primeira vez que um personagem de história em quadrinhos revelou publicamente a sua sexualidade.

Após a declaração pública da condição sexual de Estrela Polar, outros heróis também se sentiram seguros para falarem de suas experiências afetivas. Seguidamente, pudemos observar as revelações de que Deadpool é pansexual, Mística e Daken (o filho de Wolverine) são bissexuais, Wiccano, Hulkling, Shatterstar e Homem-de-Gelo são *gays* e Xavin é gênero fluido.

⁴ Disponível em:

<http://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html#:~:text=Jornal%20do%20Brasil%20publica%20a,v%C3%A1Drus%20isolado%20no%20Instituto%20Pasteur>. Acesso em: 10 jan. 2022.



Figura 5 – Casamento de Estrela Polar em A#51 (2012). Fonte: O Globo.

Um episódio no Brasil, durante a Bienal do Livro de 2019, mostrou, mais uma vez, uma cena de intolerância. Após a denúncia homofóbica de uma mãe às autoridades sobre o conteúdo apresentado na revista em quadrinhos *Jovens Vingadores*, na qual havia o beijo entre dois personagens homossexuais (Figura 6), a saber, Hulkling e Wiccano, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, sob a ordem do prefeito Marcelo Crivella, enviou fiscais até o *stand* da loja para recolherem os exemplares da revista com a imagem do beijo. Contudo, graças a enorme polêmica gerada, a maioria dos exemplares já não se encontrava mais sob o poder da loja, tendo a revista sido praticamente esgotada depois da grande quantidade de vendas em menos de 24 horas⁵. No Brasil e no estado do Rio de Janeiro, o beijo entre dois homens não é considerado pornografia, portanto, não estabelecendo nenhum tipo de censura legal e crime no âmbito social, sendo apenas, e tão somente, objeto de aversão por certa faixa da sociedade carioca.

Passamos, atualmente, por uma fase política conservadora em vários países do mundo. Alguns membros de grupos sociais tentam balizar o que um gênero pode ou não desenvolver. Judith Butler, em seu artigo *Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista* (2018, p. 11), destaca que o “gênero é um ato que já foi ensaiado”. Os indivíduos de uma sociedade são como atores desempenhando papéis já preestabelecidos, conforme o seu gênero lhes supõe e lhes permite desenvolver. Em grupos, manifestamos uma espécie de teatro sociocultural que reproduz, atualiza e legitima a ambiguidade dos gêneros feminino e masculino. A

⁵ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/acao-da-prefeitura-na-bienal-revela-censura-dizem-oab-rj-e-iab/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

legitimação dos gêneros se dá justamente por essa repetição diária de costumes e habilidades socialmente exercidos.



Figura 6 – Hulkling e Wiccano em *Avengers: The Children's Crusade #1* (2010). Fonte: Fortaleza da Nerditude (blog).

Os papéis de gênero se destacam quando observamos o trabalho das *drag queens*. Esses artistas, em sua maioria, são homens *gays* que se apropriam de certos aspectos femininos para a construção de seus personagens. Comumente, as *drag queens* são mais eloquentes, inteligentes e também apresentam um certo senso de humor. Dessa forma, elas desempenham papéis que exibem uma teatralidade, seja no âmbito formal ou informal. Regularmente, o trabalho das *drags* é considerado como desonra no meio heterossexual, estabelecendo um senso de repulsa (RUBIN, 2002). Com a comunidade LGBTQIA+ em evidência, com inúmeros *reality shows* americanos, a Marvel cria em 2019 a sua primeira mutante *drag queen*: *Shade* (Figura 7).



Figura 7 – Shade em *Iceman Vol.4 #4* (2019). Fonte: Fandom Marvel (wiki).

Mais uma vez, a editora coloca em pauta, diante de uma sociedade dividida entre conservadores e liberais, o direito à liberdade de expressão sob qualquer forma de identidade sexual e expressão artística. Além disso, ressalta as dificuldades sociais enfrentadas por indivíduos diferentes dos demais.

Considerações finais

Quando damos nome a certos aspectos socioculturais, fazemo-los *existentes*. Ao tratar de temas de grupos minoritários, não estamos criando uma política reducionista, mas observando como as desigualdades são cultivadas pelas classes dominantes hegemônicas. A reflexão de Djamilia Ribeiro em seu livro *O Que é Lugar de Fala* (2017) aponta como as estruturas sociais comumente privilegiam certos grupos em detrimento de outros.

Certamente, não podemos minimizar todo o conteúdo e crítica social dos quase sessenta anos das revistas mutantes em meras páginas de um artigo. O que podemos alcançar e estabelecer com efetividade é o grau de importância dessas histórias em quadrinhos em diversos contextos sociais. Essas crônicas se propõem a estabelecer novos olhares sobre culturas diversas, tornando-as

existentes em uma sociedade que ostenta seu *status quo* tradicional como modo de vida aceitável. De fato, as comunidades modernas tendem a formatar diferentes indivíduos em um padrão social que oprime o que é diferente e impossibilita novas formas de expressão.

Desse modo, as histórias em quadrinhos dos *X-Men* não se limitam exclusivamente a um público infante-juvenil, como muitas das publicações desse gênero literário fazem, mas também têm como foco um público mais maduro, com conceitos pré-estabelecidos do que entendem como “normal” ou não, dentro de uma sociedade que não está disposta a aceitar o que é diferente. Concluindo, essas HQs não são apenas folhas pintadas com superpoderes escapando pelas páginas de papel, mas alcançam, de forma sutil, o título de instrumentos transformadores de realidades sociais.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda N. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ALMEIDA, Silvio Luis de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRITO, Fábio L. C. B.; ROSA, Johnny de M. “Os Leprosos dos anos 80”, “Câncer gay”, “Castigo de Deus”: homossexualidade, AIDS e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, p. 751-778, jan./mar. 2018.

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2018.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 1997.

CHABON, Michael. **The Amazing Adventures of Kavalier & Clay**. New York: Random House, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. “Estudos Culturais”. In: **HOHLFELDT**, Antônio; **MARTINO**, Luiz C.; **FRANÇA**, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação**: Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

AUTOR; LIMA, Ellen Alves. Mulher Maravilha (2017) e Capitã Marvel (2019): a representação da Protagonista feminina no universo cinematográfico das hqs. **Revista GEMInIS**, v. 12, n. 1, pp. 116-133, jan./abr. 2021.

HOUSEL, Rebecca; IRWIN, William; J. J. WISNEWSKI. **X-Men e a filosofia**: Visão surpreendente e argumento fabuloso no X-verso mutante. São Paulo: Madras, 2009.

LEPORE, Jill. **A História Secreta da Mulher Maravilha**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

MACHADO, Renato Ferreira; WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; ARCANJO, Thiago Soares. Humanidade, tempo e transcendência: O legado cultural de Stan Lee (1922-2018). **Revista Diálogo**, UnillaSalle Editora, n. 42, p. 07-11, dez. 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte. **Arte & Ensaios**, n. 32, dez. 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RUBIN, Gayle. **Out in Theory**: The Emergence of Lesbian and Gay Anthropology. Chicago: University of Illinois Press, 2002.

submetido em: 02 out. 2021 | aprovado em: 23 nov. 2021